

À TRADUÇÃO DE GÊNERO ENTRE FAL(T)AS E EXCESSOS  
NO IMAGINÁRIO DE TRADUTORAS BRASILEIRAS<sup>1</sup>

Ana Maria de Moura SCHÄFFER<sup>2</sup>

**Resumo:** Ancorado na Análise do Discurso, em interface com a Desconstrução, o texto investiga a presença de tradução de gênero no dizer de tradutoras, no contexto brasileiro. Recortes discursivos selecionados de respostas de 21 tradutoras a um questionário de cinco perguntas e que compõem o *corpus* foram analisados, buscando na materialidade linguística e nas formações inconscientes que irrompem desta materialidade indícios da constituição do imaginário dessas tradutoras sobre tradução de gênero. A análise aponta resistências quanto à relação gênero e tradução no Brasil, pelo menos na discursivização sobre o assunto, o que se justifica pelas relações estabelecidas com os múltiplos feminismos e tudo o que simbolizam. Entre as representações de tradução de gênero que emergem do dizer destacam-se as que ressoam sentidos de luta social e as que são imaginarizadas como expressão de criatividade e autoria, mesclando-se para instituir momentos de identificação aliados à singularidade das tradutoras. Não só emergem vestígios de tradução de gênero no dizer sobre o assunto, como também efeitos de sentido que apontam para uma constituição identitária das tradutoras que já se acham inseridas no contexto de um emprego de uma linguagem mais inclusiva de gênero nas traduções por elas praticadas.

**Palavras-chave:** Tradução de gênero, Tradução feminista, Linguagem inclusiva

**Abstract:** *Based on Discourse Analysis in the interface with Deconstruction, the text investigates the presence of gender translation in the utterances of female translators in the Brazilian context. Discursive events selected from twenty-one female translators' answers to five questions and which compose the corpus were analyzed. The purpose was to search out female translators' imaginary constitution clues which emerge in the linguistic materiality and in the unconscious formations concerning gender translation. The analysis points to so much resistances as for gender and translation relation, at least in the discursivization of the issue in Brazil, since gender translation has evoked relations with the different feminisms and all*

---

<sup>1</sup> Este artigo apresenta resultados da Pesquisa: “Representações de tradução de gênero no dizer de tradutoras brasileiras” e integra parte da tese de doutorado, defendida em fevereiro de 2010.

<sup>2</sup> Doutora em Linguística Aplicada no IEL/UNICAMP sob orientação da prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria José Rodrigues Faria Coracini. E-mail para contato: nati-fran2@gmail.com.

*they have symbolized. Among other representations of gender translation emerging from the female translators' utterances are detached those which echo the social struggles of feminisms and those which are represented as expression of creativity and authorship. They interweave for constituting identification moments related to female translators' singularity. Not only there are vestiges of gender translation in the Brazilian female translators' utterances but also meaning effects which point to female translators' identitary constitution who find themselves involved in a more inclusive use of language in their translations.*

**Keywords:** *Gender translation – feminist translation – inclusive language*

## INTRODUÇÃO

Neste artigo, procuro fazer um recorte de minha pesquisa de doutorado, realizada na área de tradução e ensino, no departamento de Estudos da Linguagem da Unicamp. Busco circunstanciar o meu interesse em discutir e problematizar questões que o imbricamento gênero e prática tradutória levantam. Como tradutora na área religiosa e professora em curso de tradução, acho-me constantemente nesse entremeio da tradução e do gênero, cujos embates de ordem prática quanto a traduzir certos enunciados com palavras e pronomes empregados no masculino genérico não resultam em um transitar tranquilo entre um e outro. A inquietação que tal relação tem provocado impulsionou um percurso de pesquisa que mobilizou leituras de textos que abordam contextos em que a relação gênero e tradução não parece tão estranha, como a princípio se delineia no contexto brasileiro.

Na minha prática, percebo que tenho empregado uma linguagem mais inclusiva<sup>3</sup>, embora conscientemente não tivesse me dado conta disso até pouco tempo. Tenho percebido que entre as tradutoras da área religiosa, contexto em que me insiro há mais de 10 anos, a defesa de uma linguagem inclusiva de gênero parece ser uma prática comum por parte das tradutoras, apesar da ressalva de que adotam tal prática, mas não querem ser confundidas com as “feministas”. A realidade é que algumas tradutoras com quem tenho conversado não se mostram confortáveis com o fato de

---

<sup>3</sup> *Inclusive Language*: conforme nomenclatura empregada por Flotow (1997) e Simon (1996). Nossa tradução (n. t.) [linguagem inclusiva de gênero]

virem a ser identificadas como “feministas”, seja pela postura adotada, seja por outras razões. Seu dizer quanto ao assunto é permeado de certa resistência. O que se apreende é que o sintagma “linguagem inclusiva” parece ter motivado a associação dessas tradutoras com a questão do feminismo, o que se explica, em parte, por outra relação possível de se estabelecer: aquela da perspectiva da mulher aliada à leitura bíblica, iniciada em meados do século XIX, pois foi a partir dessa leitura que a proposta de uma linguagem mais inclusiva de gênero surgiu. Conforme Taborda (1990: 328-329), em 1854 quando ocorreu na Filadélfia, Estados Unidos, a “Primeira Convenção Americana para os Direitos da Mulher”, as participantes defenderam ter chegado a hora de as mulheres lerem e interpretarem a Bíblia por si mesmas. Elizabeth Cady Stanton (1815-1902) juntamente com suas companheiras iniciou o trabalho de releitura e interpretação de passagens de textos bíblicos que citavam ou excluía as mulheres e o resultado culminou com a obra “The Woman’s Bible”, editada em 1889 e 1895 respectivamente. Segundo historiadores e teólogos (Rosado Nunes, 2000: 7-44), a obra inaugura a “origem” do pensar teológico das mulheres. A iniciativa de Stanton no século XIX tem tido repercussões no mercado mundial, tendo reflexos na ampla aceitação do princípio da linguagem inclusiva pelas instituições de tradução de muitas denominações judaico-cristãs<sup>4</sup>.

No Brasil, a repercussão de Stanton tem deixado resquícios e causado também resistência. É o que aponta a tradução da segunda edição da Bíblia na Linguagem de Hoje (1988), que introduz uma forma amenizada de linguagem inclusiva, evitando o emprego do gênero masculino como universal<sup>5</sup> e que tem sido

---

<sup>4</sup> Ellingworth, P (1987) apresenta estatísticas que indicam haver uma diminuição gradual de expressões masculinistas nas traduções da bíblia. Onde a Versão Autorizada da Bíblia de 1611 traduziu 63% das ocorrências de *anthropos* como “homem” (em vez de ser humano, pessoa, etc.), a Bíblia na Linguagem de Hoje (ou Today’s English Version), de 1984, empregou a formulação “homem” em apenas 24% das ocorrências.

<sup>5</sup> Esta tradução procura a designação geral que abranja o homem e a mulher; por exemplo, em vez de dizer “irmãos”, masculino plural, para aludir a ambos os sexos, usam-se “irmãos e irmãs”.

bombardeada por teólogos e religiosos brasileiros (Janzen, 1998; Almeida, 2000; Lopes, 2002).

O pressuposto que sustenta este texto fundamenta-se, por conseguinte, na prática já existente de uma tradução preocupada com o gênero no contexto da tradução bíblica e também no ambiente quebeco-canadense, local em que desde a década de 1970 a relação gênero/tradução vem sendo praticada, discutida e problematizada. Parte-se da hipótese de que há vestígios de tradução de gênero no dizer sobre/na prática tradutória de tradutoras brasileiras na atualidade, ainda que as evidências a respeito sejam poucas. Diante dessa hipótese, elaboram-se as perguntas que orientaram a pesquisa, quais sejam:

- a) Haveria no Brasil uma preocupação com gênero na tradução?
- b) Em caso afirmativo, que representações sobre a tradução de gênero emergem no dizer das interlocutoras?
- c) Como irrompem tais representações na materialidade linguística?

Com isto em mente, busquei colaborar para a historiografia e crítica de tradução no Brasil e suas diferentes manifestações na contemporaneidade, possibilitando espaços para mais pesquisas na área, especialmente, quanto aos deslocamentos das relações estabelecidas entre gênero e tradução. Para isso, de forma mais específica, os objetivos são:

- a) Investigar se há presença de tradução de gênero no contexto brasileiro e como se posicionam tradutoras brasileiras frente à questão;
- b) Discutir as concepções de tradução (de gênero) que emergem no dizer das tradutoras, ao se posicionarem sobre o assunto;

O *corpus* sobre o qual se embasou a pesquisa resultou dos dizeres oriundos de tradutoras reconhecidas nacionalmente: 21 tradutoras de obras clássicas e de domínio público, em várias áreas representadas responderam ao questionário enviado por e-mail às listas de tradução Tradinfo – tradinfo@yahoogroups.com – e Litterati – litterati@yahoogrupos.com.br.

## EMBASAMENTO TEÓRICO

Entre os textos lidos para a fundamentação da parte histórica das relações entre gênero e tradução, citamos, em especial, *Gender and the Metaphors of Translation*, de Chamberlain (1992). Este é um dos ensaios mais influentes sobre a genderização da tradução, além da profunda investigação que a autora faz das “metáforas de tradução”, no transcorrer da história. Os demais textos que embasam a temática escolhida são *Fidelity and The Gendered Translation*, de Arrojo (1994); *Gender in Translation*, de Simon (1996); *Translation and Gender*, de Flotow (1997) e; *Gender, Sex and Translation*, de Santaemilia (2005).

Conforme indicado no resumo, ao embasar teoricamente a pesquisa, buscam-se diálogos com a análise do discurso, a desconstrução derridiana, os estudos de gênero e a tradução de modo a vislumbrar esferas do saber diferenciadas e abrir tramas de uma tessitura, que, creio, precisa ser continuamente constituída. A estrutura teórica da análise do discurso interessa particularmente aos estudos da tradução porque traz para a reflexão sobre o funcionamento da linguagem as questões das relações sociais, bem como as de poder-saber, sob o viés discursivo, conforme proposta de Foucault, em *Microfísica do Poder* (1998a [1979]). Para Foucault e Deleuze (1998: X):

Não existe algo unitário e global chamado poder, mas unicamente formas díspares, heterogêneas, em constante transformação. O poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social, e, como tal, constituída historicamente.

Sob a perspectiva de Foucault, saber e poder se implicam mutuamente, não havendo, para o autor, relação de poder sem constituição do saber; todo saber constitui, por sua vez, novas relações de poder:

Rigorosamente falando, o poder não existe, existem sim práticas ou relações de poder. O que significa dizer que o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona. E funciona como uma maquinaria, como uma máquina social que não está situada em um lugar privilegiado ou exclusivo, mas se dissemina por toda a estrutura social; não é um objeto, uma coisa, mas uma relação (Foucault; Deleuze, 1998: XIV).

A *linguagem* sob a ótica deste funcionamento relacional do poder deve ser analisada não só no seu sistema interno, mas enquanto formação ideológica que se manifesta nesse mesmo contexto sócio-histórico. Ela incide, conseqüentemente, na formação dos sujeitos e os constitui de forma poderosa. Pode-se, assim, dizer que é na linguagem que pistas são configuradas para a aproximação com o sujeito, a fim de analisar sua fala e observar características da sua formação. Para Foucault (1999: 133 [1969]), o sujeito não constitui a consciência que fala, mas “uma posição que pode ser ocupada, sob certas condições, por indivíduos indiferentes”. Visto dessa forma, é esta posição a partir da qual o sujeito fala que determina o seu dizer. O discurso é, pois, um “[...] campo de regularidades para diversas posições de subjetividade” e, ao mesmo tempo, um “espaço de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos” (1999: 62). Com efeito, lugares são instâncias de subjetividade enunciativa que possuem duas faces: constituem o sujeito em sujeito de seu discurso, e, ao mesmo tempo, o sujeitam. Interpretamos, então, a partir de Foucault, que o discurso não é atravessado por um sujeito único, mas pela sua dispersão.

Tal dispersão coaduna-se ao dizer de Authier-Revuz (1990: 28) no que se refere à sua concepção sobre o descentramento do sujeito, apresentando-o como efeito de linguagem e, por consequência, dividido, clivado, cindido. Para ela, “o sujeito não é uma entidade homogênea, exterior à língua, que lhe serviria para ‘transportar’ em palavras um sentido do qual seria a fonte consciente [...]. Para um sujeito dividido ‘clivado’, (e não ‘desdobrado’) não há centro de onde emanaria em particular o sentido e a fala fora da ilusão e do fantasmagórico”. Ou seja, o sujeito seria um efeito de linguagem, de discurso, que não existe fora dessa ilusão de centralidade. Sob tal perspectiva e embasada em Freud, Authier-Revuz defende que no sujeito e no seu discurso inscreve-se constitutivamente o Outro (do inconsciente).

Ao fazer referência à configuração identitária do tradutor, também sob a ótica da psicanálise, Coracini (2007) remete à relação com o outro, como aquilo que possibilita a narrativa de

si, pelo sujeito, e que o torna capaz de se dizer como sujeito, e mesmo de forjar certo processo identificatório. Afinal, coloca Coracini (2007: 168): “o desejo do sujeito é ser o desejo do outro, é ser amado pelo outro, e, para isso, não mede esforços no sentido de ser como o outro deseja que ele seja”. Conforme Coracini, seria essa uma explicação para os modismos e para a aceitação irrefletida desta ou daquela maneira de se comportar e de se relacionar de indivíduos, em geral. Tal constatação leva Coracini a formular que:

A identidade se constrói no imaginário, nas identificações imaginárias, que podem ou não se transformar em simbólicas, constituindo o Outro do inconsciente, os valores que, sem saber, orientam o indivíduo, suas escolhas, seu rumo. Assim, a identidade e imagem (ou representação) estão sempre associadas a uma narrativa (2007: 168).

Com base nas pesquisas de Coracini sobre a identidade do tradutor em “A Celebração do Outro” (2007), a constatação acima, quando contextualizada no campo da tradução, aponta para este trabalho, já que as tradutoras da pesquisa parecem também construir sua identidade a partir de várias narrativas sobre si mesmas; a partir de valores que fundamentam e orientam seu modo de traduzir e seus dizeres sobre suas práticas tradutórias. Seria uma identidade imaginária que, com o tempo, ganhou estatuto de verdade, foi reforçada e se cristalizou no imaginário como representativa do grupo profissional ao qual pertencem.

Segundo Derrida (1973) e Coracini (2007), um texto vale pelas diferenças que veicula, porque tudo nele difere, temporaliza, é adiado, circunstâncias que se juntam em *différance*<sup>6</sup>, no interminável adiamento dos sentidos, levando as palavras a sempre remeterem a outras, de modo ininterrupto, significando também o adiamento infinito da presença e a diferença que não

---

<sup>6</sup> *Différance*: neologismo derridiano em que o filósofo joga com a grafia da palavra francesa, alterando graficamente o segundo “e” de *différence* para “a”. Tal alteração não muda a identidade fônica das duas palavras na língua francesa, o que figura como apenas uma alteração gráfica. Sigo o conselho de Nascimento (2001: 89) para não traduzir este e outros termos derridianos: “A tradução destes termos (derridianos) será sempre problemática, alguns deles encontram palavras mais ou menos equivalentes em português, enquanto outros devem permanecer in-traduzidos”.

se anula dentro do signo que, dividido em si mesmo, leva consigo vestígios de outros signos (Derrida, 1994: 34). O sentido de um texto está sempre adiado, nunca pode ser fixado e só a participação no jogo desconstrutivo pode mobilizar qualquer interpretação textual, porque, afinal, toda a linguagem é metafórica, ou seja, está sempre a denunciar aquilo que ela não é. Daí a importância de discutir a concepção de representação defendida aqui: ela parte da concepção de formação imaginária<sup>7</sup>, de Pêcheux, dos pressupostos derridianos que desconstróem o entendimento de ausência/presença e da concepção de Coracini.

Para Derrida, a questão da representação se ancora na noção de suplemento como algo que está “em lugar de” e que exerce uma função de representação. No entanto, a ação de representar para Derrida é, ao mesmo tempo, uma ação de “acrescentar-se”, como a escritura faz em relação à fala. De acordo com a filosofia da presença derridiana, a representação não pode ser uma presentificação no sentido de uma repetição de algo presente anteriormente. Em Gramatologia, o autor explica:

A fala, sendo natural ou ao menos a expressão natural do pensamento, a forma de instituição ou de convenção mais natural para significar o pensamento, a escritura a ela se acrescenta, a ela se junta como uma imagem ou uma representação. Neste sentido, ela não é natural. Faz derivar na representação e na imaginação uma presença imediata do pensamento à fala. [...]. A escritura é perigosa desde que a representação quer nela se dar pela presença e o signo pela própria coisa (Derrida, 1999: 177).

Já na perspectiva de Pêcheux (1997: 83 [1969]), as representações relacionam-se aos sentidos construídos no interdiscurso. É o espaço de todos os dizeres já ditos, em outro tempo, em outro lugar. Por isso, são as representações projeções que resultam sempre de processos discursivos anteriores. Estas, segundo o autor, manifestam-se no processo discursivo, através da antecipação, das relações de força e de sentido. Em Coracini (2003: 219), “toda representação se constrói a partir das

---

<sup>7</sup> Conforme Pêcheux (1997: 83 [1969]), as formações imaginárias designam o lugar em que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que fazem do seu lugar e do lugar do outro.



experiências pessoais, mas não apenas: elas se constroem a partir das experiências dos outros, daqueles que nos cercam e que nos levam a crer nisto ou naquilo que nos dizem quem somos”. As representações são, portanto, imaginárias e com implicações a processos discursivos anteriores provenientes de outras condições de produção.

O imbricamento da identidade e da interpretação de si por parte do sujeito tradutor/a converge produtivamente para os interesses deste trabalho, visto que o foco são tradutoras e seu posicionamento frente à questão do que seja tradução, mais especificamente, a tradução de gênero. Essa imbricação proposta e articulada por Coracini em suas pesquisas é pertinente porque ela busca apreender questões fundamentais relacionadas ao sujeito e sua constituição identitária. As pesquisas da autora abrem espaço para o questionamento e a problematização da noção de identidade, que era entendida como estática e estável e passa a ser vista, no contexto teórico, complexo e heterogêneo em que estamos inseridos, como “instável e em constante mutação, apreendida apenas em momentos fugazes de identificação” (Coracini, 2008: 8).

#### O IMAGINÁRIO SOBRE TRADUÇÃO DE GÊNERO NO BRASIL: ALGUMAS REPRESENTAÇÕES

Apresentam-se, a seguir, as perguntas enviadas por e-mail para familiarizar o/a leitor/a com as motivações que redundaram em representações sobre tradução de gênero que, de certa forma, deslindam um imaginário sobre o assunto:

- (1) O propósito é estudar as questões de gênero em tradução, mais especificamente no que diz respeito à chamada tradução feminista. Em síntese, haveria uma teoria/prática de tradução feminista no Brasil? Como você se posiciona a respeito do assunto?;
- (2) Você se diz feminista? Explique;
- (3) Como você traduz?;
- (4) Você conhece casos interessantes a respeito de gênero em tradução?;
- (5) Você teria mais a dizer sobre essa questão?.

A seguir, as representações que os gestos de interpretação nos possibilitaram apreender são discutidas. Estas pela sua recorrência sinalizam a constituição do imaginário das tradutoras, permitindo cruzar a opacidade dos seus dizeres para neles flagrar a formação discursiva em que se inscrevem. Tenho consciência de que tais representações desvelam o trabalho do inconsciente, a alteridade que atravessa os discursos e as não-coincidências do dizer, considerados intrínsecos, constitutivos da enunciação e, como tais por ela irrepresentáveis. Daí que o fio intradiscursivo será considerado a partir das reiteraões, contradições e negações que foram se construindo por recorrências de modos de dizer e de itens lexicais no funcionamento discursivo do corpus.

Observa-se, no geral, que os dizeres deslizaram da tradução de gênero para o feminismo e suas lutas e isto pode ter acontecido devido às próprias motivações das perguntas; há dois momentos no questionário que podem ter levado as participantes a deslizarem de um falar sobre tradução (quer de gênero quer não) para o feminismo. Esses momentos se presentificam na primeira e na segunda pergunta. Principalmente a segunda pergunta, por ter sido muito direta, não deixando alternativa para as participantes falarem de outra coisa a não ser dos movimentos feministas. Além disso, no intuito de circunstanciar o interesse da pesquisa sobre a tradução de gênero, no início faço menção a “gênero em tradução” e logo em seguida, à “tradução feminista”, o que entendo como um deslize que pode ter aberto precedente para que as participantes, ao responderem as perguntas, funcionassem na dicotomia “gênero/feminismo”.

O sintagma “tradução feminista”, logo na primeira pergunta, mobilizou no imaginário discursivo das interlocutoras enunciações relativas ao movimento feminista/do feminismo, indiciando forte resistência aos dois termos como rótulos, que, no imaginário de tradutoras brasileiras não têm sido bem aceitos, conforme apontam as pesquisas que embasam teoricamente a investigação. Constato que a colocação de “tradução feminista” logo no início da entrevista não foi a melhor opção; tampouco a opção pela pergunta seguinte: “Você se diz feminista?”. As razões

que justificam tais constatações pautam-se em resultados; quais sejam, que o termo “feminista” no sintagma “tradução feminista” interpelou ideologicamente a produção de sentidos nos sujeitos. Um já-dito irrompeu no intradiscorso, constituinte da memória discursiva. No caso, não foi o sintagma “tradução feminista” que funcionou aí, mas a sua imagem enunciativa que descentrou os sujeitos ao recalcarem um sentido do passado, estereotipado e com o qual não há identificação, devido aos efeitos de sentido negativos provocados pela estereotipia. Para elucidar o que acabo de dizer, trago do corpus alguns recortes discursivos (RDs)<sup>8</sup>:

RD1: *O termo feminista e algumas idéias do movimento me incomodam. Na minha interpretação, a palavra feminista carrega a conotação de ‘transformar tudo’ em feminino, ou de conquistar o mundo para as mulheres – todo ele, como se nenhum espaço pudesse pertencer ao homem. E algumas vezes o movimento parece caminhar exatamente nessa direção.* (T21)

RD2: *Para mim, o termo “feminista” remete à questão político social da mulher. É como se ser “feminista” signifique levantar a bandeira em defesa de tudo o que se possa chamar de “feminino”. Num mundo ou numa sociedade onde as “diferenças” são cada dia mais discutidas e, de certa forma “niveladas” [...], acredito que não faz mais sentido o uso do termo “tradução feminista”.*(T15)

É possível perceber que, de fato, o termo “feminista” na pergunta primeira provocou resistência, provavelmente devido ao feminismo radical das décadas de 1960 e 70, tanto no Canadá quanto nos Estados Unidos, conforme enunciam o RD1 e o RD2. O passado se mescla com o presente na memória narrada para dar conta de justificar uma posição: — “O termo feminista e algumas idéias do movimento me incomodam. Na minha interpretação, a palavra feminista carrega a conotação de ‘transformar tudo’ em feminino” —. Aqui, a interlocutora precisa se amparar, antes de qualquer dizer, na história do passado, para poder enunciar sobre sua posição-sujeito em relação à tradução de gênero. Chama-nos a atenção o deslizamento presente no RD2, em que a participante resiste à primeira questão posta pelo questionário e deriva para outro dizer: — “Para mim, o termo “feminista” remete à questão

<sup>8</sup> Para Orlandi (1996: 139), “(...) o recorte é uma unidade discursiva; fragmento correlacionado de linguagem e situação”.

político social da mulher”; “é como se ser “feminista” significue (sic) levantar a bandeira de tudo o que se possa chamar de “feminino” —. O que mobilizou a interlocutora não foi o sintagma “tradução feminista”, mas, como ela mesma sinaliza, foi o termo “feminista”, cujas aspas podem indiciar a distância que a participante deseja manter do seu dito; isto é, sem se responsabilizar por esse dizer, pois as aspas em sua função de apontar para uma alteridade dentro de um dado ambiente discursivo, como explica Authier-Revuz (1990), indicam uma expressão pela qual quem enuncia nem sempre quer se responsabilizar. No dizer, o sujeito marca a remissão ao movimento feminista, a partir da memória discursiva, o que pode tê-lo levado a se afastar para não ser confundido com as feministas filiadas a um tipo de feminismo do qual discorda. O efeito de familiaridade entre a pergunta: “Você se diz feminista” e a referência ao movimento feminista produzida pelos sujeitos aponta também para a heterogeneidade constitutiva que atravessa o dizer e faz irromper outros discursos para circunstanciar o posicionamento sobre ser ou não feminista.

Já no próximo recorte (RD3), percebemos o reforço do imaginário negativo referente ao “feminismo radical” que sedimentou o estereótipo e do qual a interlocutora tem consciência:

*RD3: São os rótulos de feminismo que trazem problemas. Há muita resistência quanto ao rótulo feminismo (que assumiu uma conotação pejorativa) e isso por conta dos ranços oriundos do radicalismo feminista das décadas de 60 e 70 tanto no Canadá quanto nos Estados Unidos. No Brasil, por exemplo o movimento não encontrou respaldo – Betty Friedan quando aqui esteve foi vaiada, criticada, talvez porque levantasse aquela bandeira da queima de soutiens em praça pública, bandeira essa que as brasileiras nunca quiseram levantar (T7).*

Este recorte de T7 reveste-se de importância especial por não apenas circunstanciar o movimento feminista radical e igualitário, mas por trazer justificativas que apontam para a forte resistência que foi possível identificar no decorrer da pesquisa quando o assunto traz o termo “feminismo”. O dizer da tradutora e pesquisadora remontou a Betty Friedan, a feminista americana, responsável pelo feminismo das sufragistas, que tirou o sutiã em praça pública e escandalizou, principalmente, as mulheres, provocando até hoje,

seu nome e seu despudor, reações iradas por grande parte das brasileiras, conforme pesquisa de Pinto (2003: 16). Suas ideias libertárias, por outro lado, têm levado à emancipação feminina e à conquista de maior participação no mercado de trabalho. Destaco também, a partir do dizer de T7, que em outro momento de sua fala, a tradutora deixa escapar na materialidade linguística traços de identificação com a tradução de gênero, ao marcar no fio do discurso a existência de “algo diferenciado” na escrita/tradução feminina. Repare-se no RD abaixo:

*RD4: Na escrita/tradução feminina existe algo diferenciado, que não diria serem marcas essenciais, mas uma certa sensibilidade que de alguma forma aflora no texto. Não necessariamente com marcas, mas o fato é que a questão da mulher aflora de forma diferente. (T7)*

Interessante se observar no RD4 o deslizamento de T7 para o aspecto das possíveis diferenças entre uma escrita feminina e uma masculina, embora não fosse este o foco da pesquisa. Isso remete à “ginocrítica” de Showalter (1986). Discordo dessa sugestão, pois se parte-se de binômios como homem/mulher, feminino/masculino ou se alega a existência de um processo de feminização da escrita, corre-se o risco de se cair numa segregação ainda maior do conceito de gênero, caso se admita que determinadas marcas discursivas, certas temáticas pertencem apenas ao domínio da mulher ou do homem. Seria enclausurar as representações simbólico-textuais num espaço restrito e limitado, indo na direção contrária de uma compreensão de gênero como um fluxo, uma construção que se dá na relação com o outro.

Quanto ao emprego de “tradução de gênero” na primeira pergunta o pressuposto inicial era que “tradução de gênero” e “tradução feminista” fossem a mesma coisa, daí que as empreguei de maneira paralela, quase que usando uma pela outra. Entretanto, na medida em que fui recebendo as respostas das tradutoras, dei-me conta de que o sintagma “tradução de gênero” não foi mencionado nas respostas, mas foi o termo “gênero” que emergiu no dizer como variável binária (homem x mulher), enfocando a diferença sexual como determinante na forma como homens e mulheres se comunicam. Atesta-se isso nos recortes a seguir:

*RD5: A colocação “gênero” é um decalque do inglês. Aqui, diríamos “sexo”. É assim que são preparados os formulários em português: Sexo: M F [...]. Lamento que a palavra “gênero” tenha entrado no português desta forma e mudado sua acepção anterior tudo por influência do inglês. (T17)*

*RD6: Sempre me preocupo com questões de gênero. Usar “ele” e outras formas masculinas quando se quer referir à população em geral, composta de mais mulheres do que homens, é um total descaso. (T16)*

Entendo que nesses dizeres a questão do gênero prendeu-se ao gênero gramatical (ele/ela) indiciando sinônimo de sexo ou mesmo de mulher e homem. Nesse caso, os conflitos e as relações que se estabelecem entre homens e mulheres sob a lógica da construção social e do poder desigualmente distribuído foram obscurecidos, uma vez que o termo parece ter emergido num sentido despolitizado. De modo geral, os sujeitos da pesquisa, ao assumirem posições em relação à primeira pergunta do questionário, quer seja, — se haveria no Brasil uma teoria de tradução feminista —, diante do próprio sintagma “tradução feminista”, já se sentiram, de certa forma, receosas e hesitantes. Foi inevitável a relação com o movimento feminista que identifiquei como a negação inicial ao que seja tradução feminista, além do posicionamento contraditório em relação à primeira e à terceira perguntas. Pois, ao falarem sobre como traduzem (terceira questão: como você traduz), sobre suas práticas como professoras e tradutoras, indicaram estar familiarizadas com o assunto.

Pelos meandros do dizer e pela própria porosidade da língua que não se deixa fechar, negam filiação a qualquer coisa relacionada ao feminismo, não reconhecendo sua inscrição no movimento, pela forte resistência e pelos estereótipos cristalizados a partir dele. É na materialidade linguística de — “eu não sei o que é isso”; — “não faço a mínima idéia...”; — “desconheço” —, no início de grande parte da primeira questão, que encontro respaldo para o que aqui enuncio. Por outro lado, embora não se inscrevam no feminismo, acham-se as tradutoras afetadas pela formação discursiva que as sustenta, na medida em que trazem à tona referentes lexicais próprios do discurso feminista e nele sedimentados. Exemplos: luta,

direitos, igualdade, submissão, tutela masculina, emancipação, voto, respeito, etc. Eis os próximos recortes:

*RD7: Nunca me engajei em movimentos feministas, embora sempre, desde a adolescência, tenha defendido posições feministas, em termos de igualdade de oportunidades e de abolição da tutela masculina sobre a mulher (T4)*

*RD8: Embora não tenha leitura suficiente sobre o assunto para me posicionar de maneira mais crítica e reflexiva, vejo a tradução feminista como um modo de as mulheres serem ouvidas e vistas, e de lutarem contra o sistema patriarcal ainda vigente. [...] (T13).*

*RD9: Penso que tradução feminista diga respeito à espaço (sic). É uma maneira de propiciar mais publicação ao público (escritor e leitor) feminino. Ganhar espaço de publicação e, portanto, visibilidade... Dizem as feministas e algumas apenas escritoras (sem, necessariamente, o “feminista” inculido em suas realidades, que é preciso deixarmos de ser silenciadas, para além de silenciosas... Precisamos deixar de ser objetos (do discurso) para ocuparmos o espaço de sujeitos, donas de nossos próprios discursos...e isso vem, sim, quantitativamente... Quantas mulheres há em antologias de poemas brasileiros contemporâneos ou poemas ingleses de nossos dias (para não falar no passado!). Traduzir mulheres significa compactuar de um mercado em expansão, um nicho que precisa ganhar mais visibilidade. (T19)*

Nos recortes, o sentido de luta constrói o imaginário sobre tradução de gênero, em primeiro lugar, por meio do léxico que é mobilizado. Note-se a recorrência de verbos que apontam para esse campo semântico da luta, como lutar e defender (RD7 e RD8). O próprio verbo compactuar (RD9), que Ferreira (2004) classifica como pejorativo, ressoa o caráter de luta desigual e injusta, uma arena. Principalmente, considerando-se os sentidos atrelados ao vocábulo “mercado”, implica que, para a participação efetiva da mulher, é preciso agir em convivência com o homem, ceder alguma coisa para que a participação, de fato, aconteça. Isso remete a Coracini (2007: 91) que lembra que para a mulher penetrar no mundo dos negócios, representado em RD9 por “mercado em expansão”, muitas delas tiveram que ceder, consentir com certa masculinização; quer dizer, precisaram se “igualar”, para “compactuar” (RD9).

Tanto RD9 quanto os demais recortes selecionados silenciam o feminismo radical, dando lugar a um *feminismo da diferença*, o que é indiciado na materialidade linguística de RD7 como “abolição da tutela masculina sobre a mulher”; em RD8, como “luta contra o sistema patriarcal ainda vigente”. O diálogo com o feminismo que tinha como meta inverter os valores e chocar e que pode ter sido o responsável pela recusa, pela resistência das participantes em serem chamadas de “feministas” não parece encontrar eco nesses dizeres.

Importante trazer ainda que o sujeito do RD9, embora manifeste desconhecimento do que seja tradução de gênero, admite no seu “não-saber” uma representação de tradução enquanto uma luta para “tornar o feminino visível na linguagem”. Tal representação indicia uma posição-sujeito que se identifica com a tradução de gênero, pois o dizer de T13 emerge de redes de filiação e inscrição histórica que pressupõem um saber sobre o que seja tradução de gênero. Esse saber, ao se instalar no fio discursivo, por outro lado, (d)enuncia o silenciamento e a invisibilidade das mulheres no contexto patriarcal “*ainda vigente*”. Sobre o advérbio de relatividade “ainda”, este anuncia, em um movimento interdiscursivo, a existência de discursos cujas posições enunciativas apontam para uma falta, um atraso, além de prenunciar a possibilidade de a situação “*vigente*” sofrer deslocamento e se modificar. Ou seja, pressupõe que a situação já deveria ter mudado, mas essa expectativa, por enquanto, se vê frustrada (Coracini, 1991: 127). Além disso, a “abolição da tutela masculina sobre a mulher” (RD7) representa a luta por autonomia e emancipação social da mulher, a qual, em alguns contextos, não depende nem econômica nem emocionalmente do homem.

Outro sentido recorrente no RD9 é construído a partir da reiteração de sintagmas associados à visibilidade, apontando mais uma direção na qual a luta social é defendida. Por meio do movimento que se constroi no dizer das participantes, duas posições opostas são construídas para as mulheres: da posição da invisibilidade, do silêncio, da submissão, do objeto, da desigualdade, do vazio, do ocultamente e marginalização para a posição de estar visível,



de dizer e ser ouvida, daquela que passa a ter espaço próprio, voz própria e igualdade de direitos e de oportunidades. Retomemos, a propósito, parte do dizer de T13 (RD8): — “vejo a tradução feminista como um modo de as mulheres serem ouvidas e vistas, e de lutarem contra o sistema patriarcal ainda vigente”. Nesta fala, é possível vislumbrar a tradução de gênero como uma prática que opera contra a invisibilidade da mulher tradutora, possibilitando a existência do Outro<sup>9</sup> com criatividade e ousadia. Irrompe no dizer a possibilidade de, por meio da tradução, a voz da mulher se fazer ouvir, enquanto prática da *différance* que rompe com o discurso hegemônico e atravessa o texto e é a partir dessa *différance* que a voz da mulher e da tradutora pode ser ouvida. Ainda retomando o dizer de T19 (RD9) reverberam sentidos que autorizam a palavra a quem não tinha “espaço” (poder) para se dizer.

Uma representação de tradução de gênero como possibilidade de denunciar o apagamento da mulher, dando-lhe voz, também pode ser observada no relato de T11 (RD10):

*RD10: Acho importantíssimo explorar a questão da tradução a partir da perspectiva feminista – sempre quando se examina uma episteme a partir de um determinado lugar de enunciação (seja este o lugar no feminismo, ou na raça, ou na etnia, etc.), podemos observar diferentes aspectos da mesma (ou seja, o que os discursos escondem e revelam). Por exemplo, narrar a história a partir da perspectiva feminista nos revela uma outra história que a história oficial apaga. (T11)*

Entende-se, inicialmente, a narrativa de T11 como uma denúncia contra a “história oficial”, que invisibilizou não só as mulheres como também as pessoas das classes pobres e de diferentes etnias. Nas raras ocasiões em que a história as mencionou foram sempre como coadjuvantes, em papéis considerados de segunda categoria. A tradução, sob o olhar de T11, seria uma ferramenta de luta para tornar público os apagamentos perpetrados por tal história, dirigida e contada pela voz patriarcal que sempre se manifestou em uníssono e buscou ocultar as vozes dissonantes; é o silêncio da mulher que se rompe pela possibilidade da tradução

<sup>9</sup> “A noção de Outro remete ao Inconsciente, e a de outro aos diferentes enunciadores, construídos imaginariamente” (Stübe Neto, 2008: 99).

de gênero. É interessante considerar que o silêncio começa a ser traduzido em visibilidade e voz pela mobilização da própria tradução. Daí a importância atribuída por T11 à tradução sob a perspectiva da mulher: — “Acho importantíssimo explorar a questão da tradução a partir da perspectiva feminista...”. A realidade do silenciamento feminino é comprovada pela crítica feminista surgida por volta de 1970, no contexto do feminismo, conforme Hollanda (1994).

O RD9 (T19) se entrelaça ao RD10 (T11), ao promover a emergência de “espaços de publicação”, remetendo a Cixous (1980: 245-248), para quem a escrita (representada nos segmentos como o desejo por “espaço de publicação”) é o meio pelo qual a mulher tem a possibilidade de se apropriar do que lhe foi tirado, a saber, sua história e, com ela, seu corpo. Esse gesto de apropriar-se da voz, principalmente nos RD9/RD10 e, representado na materialidade linguística de: — “vejo a tradução como um modo de as mulheres serem ouvidas”; “é preciso deixarmos de ser silenciadas”; “ocuparmos posições [...] donas dos próprios discursos” —, implica, necessariamente, um momento de decisão que acontece, ou seja, que tem lugar em toda indecidibilidade, mas é uma decisão que chama as mulheres à responsabilidade, pois, conforme Derrida (1991), a indecidibilidade não pode nos aliviar da responsabilidade. Nesses dizeres, vê-se abertura para o deslocamento da resistência que marca a relação com o gênero nesta pesquisa, pois irrompem possibilidades de afastamento do binômio masculino/feminino, por meio da inserção do direito de significar através da voz, da tradução, enfim da escritura e da presença ativa da mulher em todas as esferas.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, os RDs que foram foco da análise deste artigo trazem rastros do hibridismo, da pluralidade que habita a relação linguagem/tradução na constituição das tradutoras, e conseqüentemente, da memória e da história delas. As interlocutoras ocupam diferentes posições discursivas que oscilam como um movimento dançante, representando essa mobilidade

a própria natureza da tradução, em todas as suas nuances. Entretanto, acredito que a coreografia que se encenou a partir do dizer sobre tradução de gênero provocou deslocamentos e mudanças nas imagens de tradução que habitam as profissionais da área, fazendo emergir as diferenças e o múltiplo na experiência tradutória, embora tenhamos consciência de que a multiplicidade nem sempre é abraçada, sendo muitas vezes camuflada e silenciada.

Os recortes selecionados apontam representações que desvelam que os sentimentos em torno do imaginário de tradução de gênero são conflituosos, marcando um sujeito heterogêneo, tanto que muitas vezes são descritos com dificuldade: as palavras parecem faltar ou muitas explicações são necessárias para traduzir essa relação com as línguas: há uma mistura de resistência, negação e contradição que permeia o dizer das interlocutoras, que denuncia a equívocidade e heterogeneidade constitutiva da linguagem.

Mesmo havendo uma desestruturação horizontal no dizer, ou seja, no intradiscurso dos sujeitos participantes da pesquisa, permanecem vestígios da existência de saberes outros do interdiscurso no dizer das tradutoras sobre o que seja tradução de gênero. Dessa forma, constata-se que, apesar de contraditórias e evasivas, as formulações dos sujeitos estão vinculadas, de modo geral, ao discurso feminista e é nessa formação discursiva que elas inscrevem seu discurso, embora o neguem. Ao se proceder à análise na verticalidade das respostas, isto é, ao se comparar os dizeres de uma mesma interlocutora quanto às cinco perguntas, observa-se que, no Brasil, o sintagma “tradução feminista” não parece ser, de forma alguma, a mesma coisa que aquele de “tradução de gênero”. Os efeitos de sentido provocados por “gênero”, quando relacionado à tradução, são efeitos que se filiam à memória discursiva histórica e se relacionam a “gender” e aos direcionamentos que o termo assumiu na América do Norte, na língua inglesa.

Os sentidos de *tradução feminista* (de gênero) são constituídos, nesse imaginário, em comparação aos objetivos do movimento feminista que foram os responsáveis pela sedimentação de rótulos,

estereótipos e preconceitos. Os sujeitos parecem imaginarizar e construir seus discursos a partir das redes de filiação e inscrição histórica do movimento gerador desses estereótipos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, José Pedro Monteiro de. *Bíblia na Linguagem de Hoje*: Versão, Traição ou Tapeação? Disponível em: <http://www.baptistlink.com/creationists/blh.htm>. Acesso em 05 de Junho de 2008.
- ARROJO, Rosemary. “Fidelity and the Gendered Translation”. *TTR (Traduction, Terminologie, Redaction)* 7(2), p. 147-164. Canadá: 1994.
- AUTHIER-REVUZ, J. “Heterogeneidade enunciativa”. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 19, p. 25-42. Trad. Celene M.Cruz e João Wanderley Geraldi. Campinas: jul/dez, 1990.
- CHAMBERLAIN, Lori. “Gender and the metaphors of translation”. *Signs* 13, p. 454-472. Chicago: 1992.
- CIXOUS, Hélène. “The laugh of the Medusa”. In: MARKS, Elaine; COURTIVRON, Isabelle de. *New French feminism*. New York: Schocken, 1980, p. 245-264.
- CORACINI, Maria José Faria Rodrigues. *Um fazer persuasivo: O discurso subjetivo da ciência*. Campinas: Pontes, 1991.
- CORACINI, Maria José & BERTOLDO, E.S. (orgs.). *O Desejo da Teoria e a Contingência da Prática*. Campinas: Mercado das Letras, 2003.
- CORACINI, Maria José Faria Rodrigues. *A Celebração do Outro – arquivo, memória e identidade*. São Paulo: Mercado de Letras, 2007.
- CORACINI, Maria José Faria Rodrigues. “A constituição identitária do tradutor: a questão da (auto-) censura”. *Tradução & Comunicação: Revista Brasileira de Tradutores*, nº 17, p. 7-20. São Paulo: 2008.
- DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. (Trad. M. Schnaiderman e R. J. Ribeiro). São Paulo: Perspectiva, 1973.
- DERRIDA, Jacques. *Limited Inc.* (tradução Constança Marcondes César). Campinas, SP: Papyrus Editora, 1991, p. 111-120.

- DERRIDA, Jacques. *A voz e o fenômeno*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- DERRIDA, Jacques. *No escribo sin luz artificial*. Valladolid: Cuatro Ediciones, 1999.
- ELLINGWORTH, Paul. “Translating the Bible Inclusively”. *Meta*, vol. 32, n.1, p. 46-53. Montreal: 1987.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.0*. São Paulo: Editora Positivo, Aurélio Século XXI, O Dicionário da Língua, 2004.
- FLOTOW, Luise von. *Translation and Gender: Translating in the Era of Feminism. Translation Theories Explained*. Manchester: St. Jerome Publishing, 1997.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro. Ed. Graal Ltda, 1998 [1979].
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1998a [1970].
- FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense, 1999 [1969].
- FOUCAULT, M. e DELEUZE, Gilles. “Os intelectuais e o poder – Conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze”. In: FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Ed. Graal Ltda, 1998, p. 69-78 [1979].
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.) *Tendências e impasses – o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-242.
- JANZEN, Waldemar. *BLH contra a Divindade de Cristo*. Disponível em: <http://solascriptura-tt.org/Bibliologia-Traducoes>. Acesso em 20 de julho de 2009.
- LOPES, Augustus Nicodemus. *Pastoras, presbíteras e diaconisas: uma perspectiva bíblica*. Disponível em: [www.miamiinternationalseminary.com/spanish/file](http://www.miamiinternationalseminary.com/spanish/file). Acesso em 20 de julho de 2009.
- NASCIMENTO, Evando. *Derrida e a literatura: notas de literatura e filosofia nos textos da desconstrução*. Niterói: EduFF, 2001.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes, 1996.

- PÊCHEUX, Michel. “Análise automática do discurso”. Tradução: Eni P. Orlandi. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Unicamp, 1997, p. 61-151 [1969].
- PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma História do Feminismo no Brasil*. São Paulo: Ed. Fund. Perseu Abramo, 2003.
- ROSADO NUNES, Maria José F. “De mulheres e de deuses”. In: GÓMEZ, Josefa Buendía (Org.). *Palavras de mulheres: juntando os fios da teologia feminista*. São Paulo: Católicas pelo Direito de Decidir, 2000, p. 7-44. (Coleção Cadernos n. 4).
- SANTAEMILIA, José. *Gender, sex and translation: the manipulation of identities*. Manchester, UK: St. Jerome Publishing, 2005.
- SHOWALTER, Elaine. *New Feminist Criticism: Essays on Women, Literature and Theory*. Londres: Virago, 1986.
- SIMON, Sherry. *Gender in Translation. Culture and Identity and the Politics of Transmission*. London & New York: Routledge, 1996.
- STANTON, Elizabeth Cady (1895). *The woman's Bible*. Biblioteca do Congresso dos E.U.A, 1999.
- STÚBE NETTO, Ângela Derlise. *Tramas da subjetividade no espaço entre-línguas: narrativas de professores de língua portuguesa em contexto de imigração*. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- TABORDA, Francisco. “Feminismo e Teologia Feminista no Primeiro Mundo. Breve panorâmica para uma primeira informação”. *Perspectiva Teológica*, Ano XXII, nº 58, p. 311-337. Belo Horizonte: set/out, 1990.